

AS CONTRIBUIÇÕES DE ANA LUIZA BUSTAMANTE SMOLKA PARA A ALFABETIZAÇÃO EM PERSPECTIVA DISCURSIVA

Rafael Scheidt¹

Maria Aparecida Lapa de Aguiar²

Eixo Temático: 8 Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo

O trabalho articula-se com a pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), intitulada *Aproximação a uma compreensão de alfabetização em uma abordagem discursiva*, que investiga as produções de três autoras expoentes da perspectiva discursiva de alfabetização e culminou no Trabalho de Conclusão de Curso na Pedagogia. O recorte volta-se para as produções de Ana Luiza Bustamante Smolka e, portanto, como objetivo geral, procura compreender suas principais contribuições para a alfabetização discursiva. Como objetivos específicos, propomos: levantar artigos, capítulos e livros da pesquisadora publicados entre 1988 e 2022; identificar orientações teórico-metodológicas sobre alfabetização discursiva; e situar essas contribuições na atualidade. Utilizando a metodologia de pesquisa bibliográfica, realizamos o levantamento das suas produções científicas a partir da Plataforma Lattes (CNPq). Diante do volume de publicações e do tempo disponível, nos debruçamos sobre o livro *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo* (SMOLKA, 1998), que inaugurou a abordagem discursiva. Além disso, apresentamos nossos estudos em diálogo com o livro *A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita* (GOULART; GONTIJO; FERREIRA, 2017). Por fim, fazemos algumas considerações em defesa da alfabetização discursiva como um caminho contra-ideológico e contra-hegemonico.

Palavras-chave: Alfabetização; Perspectiva Discursiva; Ana Luiza Bustamante Smolka.

1 Introdução

No desenvolvimento da pesquisa, buscamos compreender as principais contribuições de Ana Luiza Bustamante Smolka para a abordagem político-pedagógica de alfabetização como processo discursivo no Brasil. Para isso, partimos do que construímos como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, na pesquisa intitulada *Aproximação a uma compreensão de alfabetização em uma abordagem discursiva*. A

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Educação Básica da Rede Municipal de Indaiatuba. Contato: scheidt.ufsc@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação. Contato: cida.aguiar@gmail.com ou lapa.aguiar@ufsc.br

investigação se insere como parte da pesquisa *Aprofundamento teórico-metodológico para a alfabetização em uma abordagem discursiva*, iniciada em 2021, com ênfase nas produções de Smolka, Cecília Maria Aldigueri Goulart e Cláudia Maria Mendes Gontijo.

Há 35 anos, Ana Luiza Bustamante Smolka defendeu a sua tese de doutorado na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. A pesquisadora inaugurou a perspectiva de alfabetização que considera a linguagem como constitutiva e constituidora do sujeito, apresentando um caminho discordante dos estudos construtivistas. De impacto inegável, essa pesquisa deu origem ao livro *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo* (1988), tornando-se referência bibliográfica para a área, em virtude da sua originalidade, resultados contundentes, rigorosa base teórico-metodológica e compromisso com a alfabetização e a educação brasileira (GOULART; GONTIJO; FERREIRA, 2017).

No entanto, essa abordagem ainda não conquistou abrangência nas salas de aula e não influencia com profundidade os documentos oficiais e espaços de decisão. Por isso, delineamos o seguinte **objetivo geral**: compreender as principais contribuições de Smolka para a abordagem político-pedagógica de alfabetização como processo discursivo. Já como **objetivos específicos**, propomos: levantar artigos, capítulos e livros da pesquisadora publicados entre 1988 e 2022; identificar suas orientações teórico-metodológicas sobre alfabetização discursiva; e situar essas contribuições na atualidade.

2 Aportes Teóricos

A pesquisa se coloca na continuidade dos esforços da professora orientadora, visando contribuir com as vozes contrárias às concepções de alfabetização que tentam se tornar hegemônicas. São imposições neoliberais e ultraconservadoras que, articuladas às demais medidas de destruição dos avanços democráticos brasileiros, representam uma guinada (ideo)metodológica para trás e pela direita (MORTATTI, 2020). Por isso, diante da necessidade de um caminho contra-ideológico e contra-hegemônico, que considere a linguagem como constitutiva e constituidora do sujeito, buscamos compreender as principais contribuições de Smolka para a alfabetização como processo discursivo.

São muitas as produções científicas da pesquisadora que merecem ser analisadas. No entanto, decidimos investigar a partir do livro *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo* (1988). Segundo Goulart, Gontijo e Ferreira (2017), essa obra inaugurou a abordagem discursiva e se constituiu como uma importante referência bibliográfica. Trata-se de um estudo provocador e relevante, que permanece atual diante dos desafios que persistem e retrocessos que assombram as salas de aula do Brasil.

Além disso, visando auxiliar na compreensão da pesquisa de Smolka (2012) e situar suas contribuições na atualidade, apresentamos nossos estudos em diálogo com o livro *A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita*, organizado por Cecília Maria Aldigueri Goulart, Cláudia Maria Mendes Gontijo e Norma Sandra de Almeida Ferreira. O livro, publicado pela Editora Cortez (2017), reúne artigos de diferentes pesquisadoras que pretendem homenagear e ressignificar a obra de Smolka.

Portanto, essa pesquisa propôs-se a contribuir para que possamos tecer reflexões em torno da abordagem discursiva de alfabetização. Enfatiza-se, também, a importância de pesquisas que possam fortalecer a contracorrente do que se pretendia tornar hegemônico entre 2018 e 2022 com a Política Nacional de Alfabetização: uma alfabetização destituída de sentido, que desconsiderou pesquisadores(as) renomados da área.

3 Metodologia

Utilizamos a metodologia de pesquisa bibliográfica, partimos do acesso ao Currículo Lattes da autora. De acordo com Galvão (2011), para a utilização das bases de dados, é necessário construir uma estratégia de busca que envolve um conjunto de procedimentos e mecanismos tecnológicos. Então, decidimos pesquisar o nome de Ana Luiza Bustamante Smolka no formulário simples de buscas do Lattes e, como resultado, encontramos apenas um perfil, que confirmamos ser da pesquisadora a partir da leitura do resumo.

Depois, seguimos para a seção das produções bibliográficas realizadas entre 1988 e 2022 e selecionamos os artigos, livros e capítulos que discutem alfabetização, leitura e escrita. Diante do volume de publicações e do tempo disponível, decidimos investigar as principais contribuições de Smolka relacionadas à alfabetização discursiva a partir do livro *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo* (1998) em diálogo com *A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita* (GOULART; GONTIJO; FERREIRA; 2017).

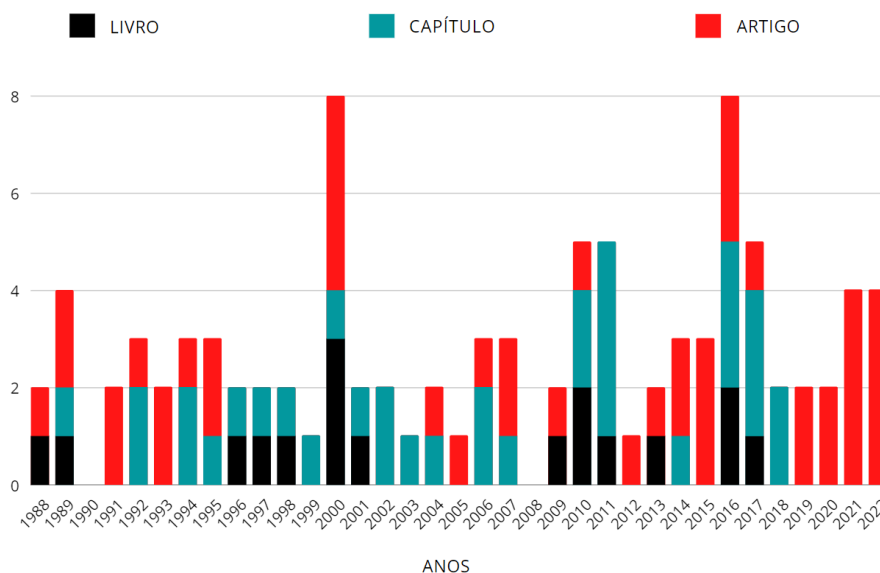
4 Resultados e Discussão

A pesquisa desenvolvida se insere na continuidade das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na pesquisa *Aproximação a uma compreensão de alfabetização em uma abordagem discursiva*, que resultou em Trabalho de Conclusão de Curso na Pedagogia.

O caminho metodológico, sobre o qual discorreremos, consistiu em acessar os artigos, capítulos e livros publicados em português por ou com Smolka entre 1988 e 2022.

Encontramos 17 livros, 34 capítulos e 45 artigos, totalizando 96 produções científicas publicadas entre 1988 e 2022, segundo os critérios definidos para a pesquisa:

Figura 1 - Publicações de Smolka entre 1988 e 2022



FONTE: Autor, 2022.

Contabilizamos, a partir dos dados disponíveis no seu Lattes, 33 publicações realizadas entre 1988 e 2022 que discutem sobre a leitura e escrita de crianças, sendo 6 livros, 12 capítulos e 15 artigos. Diante disso, escolhemos investigar a partir de *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo* (SMOLKA, 1998) e *A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita* (GOULART; GONTIJO; FERREIRA, 2017).

Na necessidade de considerar a interação na apropriação da linguagem escrita, Smolka (2012) aproximou-se das perspectivas da Análise do Discurso, Teoria da Enunciação e Teoria Histórico-Cultural, visto que as observações apontaram a urgência de se compreender a linguagem como um processo de criação e elaboração cultural e a necessidade de se reconhecer que a criança começa a fazer sentido do mundo interagindo nele com os outros (SMOLKA, 1983 apud VANZELLA, 2017, p.142).

Por isso, em 1983, acompanhada de estudantes de graduação e pós-graduação da UNICAMP, a pesquisadora deu início ao *Projeto de Incentivo à Leitura: Subsídios Metodológicos para Professores*, desenvolvido com crianças da 1ª série do Primeiro Grau de três turmas da rede municipal e três da rede estadual. Naquele contexto, a pesquisadora pretendia construir uma alternativa à alfabetização realizada nas escolas, que estavam se preocupando apenas com o ensino de habilidades técnicas.

No decorrer da pesquisa, Smolka (2012) percebeu a necessidade de analisar o contexto da alfabetização, de se pensar a apropriação da leitura e da escrita pela criança em termos de interação e interlocução. Por isso, ao se aproximar da Teoria da Enunciação (BAKHTIN, 1981) e da Análise do Discurso (ORLANDI, 1983; PÊCHEUX, 1969), de certa maneira, sinalizou para um conceito de discurso que, conforme Goulart e Santos (2017, pg.103), assim se configura:

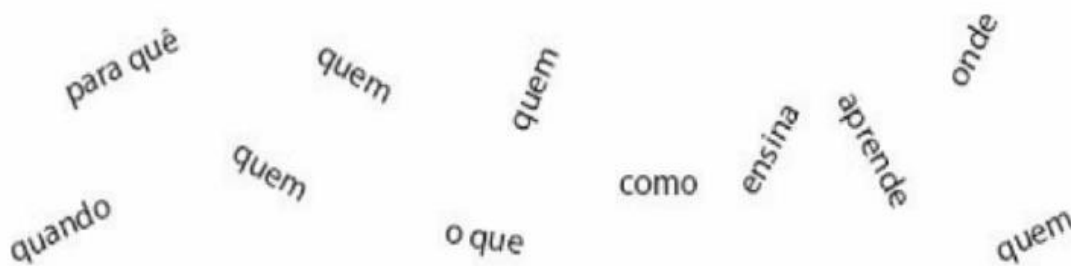
[...] traduz o reconhecimento de que a linguagem não deve ser compreendida como fenômeno apenas de língua, enquanto estrutura sistemática e ideologicamente neutra, mas sim como um fenômeno a ser compreendido pela discursividade, pela materialidade que se inscreve na língua e que constitui os sentidos existentes para além dessa língua imanente.

Segundo a pesquisadora, para analisar o processo de alfabetização, é preciso distinguir a tarefa de ensinar e a relação de ensino. Uma professora ocupa a posição de responsável pela alfabetização e assume a tarefa de ensinar. Por sua vez, as crianças ocupam a posição de alunos e assumem a tarefa de aprender a ler e escrever. É esperado que a docente e as crianças assumam suas posições e executem suas tarefas de acordo com as formações imaginárias. No entanto, pelos comentários da própria professora ao verificar o trabalho das crianças, observa-se que as crianças não correspondem às suas expectativas (SMOLKA, 2012, p.45).

Diante disso, a docente solicita uma testagem psicológica. Os resultados, aponta Smolka (2012), dizem que a culpa por aquela situação não é da professora, mas das crianças. Configuram-se, assim, as condições de produção da repetência e da evasão escolar, legitimadas pelo conhecimento científico da psicologia (SMOLKA, 2012, p.48). Contudo, é preciso questionar essa legitimidade.

O ensino da escrita tem se reduzido a uma simples técnica. Os efeitos se evidenciam nos resultados de uma alfabetização sem sentido: a escrita, na escola, transforma-se em um instrumento de legitimação e reprodução da sociedade capitalista (SMOLKA, 2012, p.48). Como alfabetizar considerando a interação e a interlocução? A pesquisadora defende uma outra dinâmica em sala de aula, que quebre o esquema das relações lineares de ensino vigente na escola e aponta para uma relação menos hierarquizada:

Figura 3 - Relações de Ensino por Smolka (2012)



FONTE: Smolka, 2012.

A partir de uma situação observada em sala de aula, Smolka (2012) contrapõe diferentes concepções acerca da apropriação da linguagem escrita: senso comum; epistemologia genética; e psicologia dialética. Em uma 1ª série do Ensino Fundamental, está escrito na lousa: *Palhaço — Telha — Palha — Toalha — Folha*. Dois adultos entram na sala, começam a conversar com as crianças e, apontando para a primeira palavra, perguntam:

— Quem sabe ler o que está escrito aqui?

Duas crianças respondem:

— Palhaço!

E a turma em coro, repete:

— Palhaço!

Um dos adultos aponta a segunda palavra e as crianças “leem”:

— Palhaço!

O adulto aponta a terceira palavra. As crianças leem:

— Palhaço!

As crianças leem “palhaço” também para as outras palavras escritas na lousa. [...] O desânimo da professora foi evidente. Ela havia escrito, apontado, lido, ensinado, feito as crianças repetirem e copiarem. [...] Por que não aprendiam? (SMOLKA, 2012, p. 61-62).

Do ponto de vista do senso comum, segundo Smolka (2012), podemos dizer que a professora faz a sua parte. Então, assumindo essa perspectiva, concluímos que o problema deve estar nas crianças (SMOLKA, 2012, p.36). Contudo, nessas práticas, estão implícitas concepções de aprendizagem e de linguagem que desconsideram a interação e interlocução das crianças.

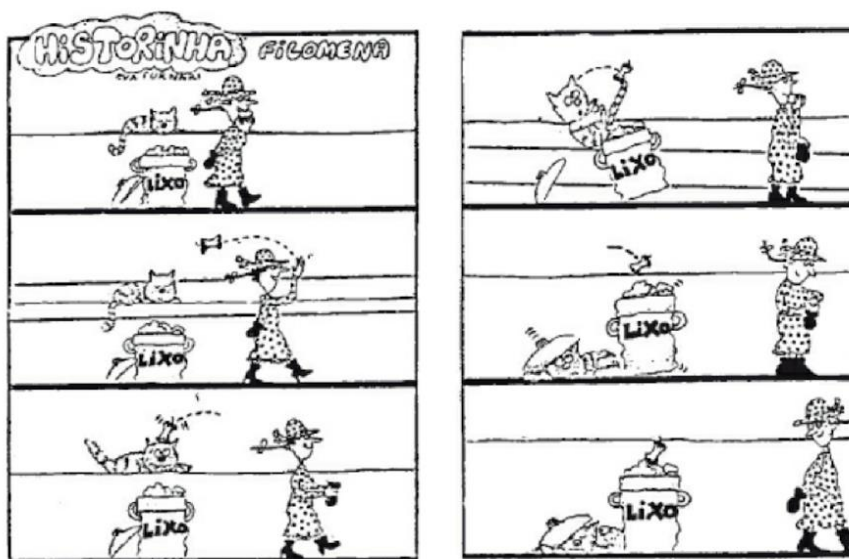
Para Smolka (2012), quando as crianças transgridem a ordem, a professora repreende e exige silêncio. As crianças não escreviam para registrar uma ideia, para documentar um fato, por necessidade ou prazer de comunicar ou interagir (SMOLKA, 2012, p.64). Na escola pensada e organizada, como afirma Fleury (2011), para a legitimação e reprodução da sociedade capitalista, as crianças apenas copiavam palavras sem sentido sob a justificativa de aprender a ler e escrever.

Já do ponto de vista de uma abordagem construtivista, destaca Smolka (2012), essa situação se colocaria como insustentável, pois não considera a perspectiva da criança. A Teoria da Psicogênese, de Ferreiro e Teberosky (1979), afirma que esses métodos de alfabetização apoiados em concepções adultas não abrangem os processos de aprendizagem e as progressões das noções infantis sobre a escrita. Porém, a pesquisadora diz que isso foi realizado sem considerar as condições de interação e interlocução.

Por isso, Smolka (2012) entende ser preciso considerar as contribuições de Vygotsky (1978). A Teoria Histórico-Cultural deu visibilidade aos limites do construtivismo ao defender a linguagem como prática social decorrente da interação, abrindo espaço para considerar o desenvolvimento como elaboração coletiva e cooperativa, sujeita a determinações históricas e culturais (VYGOTSKY, 1991; 2000 apud LAPLANE, 2017, p.51). No entanto, a Teoria da Psicogênese difundiu-se na formação inicial e continuada de professores(as) e, ainda hoje, as críticas ao construtivismo possuem pouca capilaridade na educação (GONTIJO; COSTA, 2017, p.91).

A alfabetização não se resume apenas na aprendizagem de grafemas e fonemas. É fundamental que seja pautada na elaboração de sentido, o que implica na interação com o outro pela escritura, que pode ser exterior, imaginário ou consigo mesmo (SMOLKA, 2012, p.95). Nesse sentido, Smolka (2012) se distancia da escola que ensina as crianças a repetirem sem trabalhar o significado. Para observar isso, a pesquisadora começou a usar a literatura infantil.

Figura 4 - “Filomena”, de Eva Furnari



Fonte: Smolka (2012)

Segundo Smolka (2012), foi possível observar as diferentes estratégias e

possibilidades de articulação de sentidos empregadas pelas crianças. O que faz, por exemplo, que ela escreva “motugotoso” (muito gostoso) e “cilugaicotoo” (que lugar gostoso) em um mesmo texto? Não é uma incapacidade das crianças, e sim parte do processo discursivo de elaboração do conhecimento. Isso acontece, segundo a autora, a cada momento da escrita: a criança escreve de modos diferentes em diferentes momentos do texto.

Figura 5 - Texto da Criança

era não oparoudyoga velha maluca
está motugotoso maivo a está na cabe do gato
Não está vialata de lixo + Ci
Ci gara du moresé gado x
Cilugaicotoo
como doia minha ca Besa

1. Era uma vez... Não! Ô, para de jogar, velha maluca!
2. Está muito gostoso. Mas (você acertou?) na cabeça do gato.
3. Não está vendo a lata de lixo?
4. Agora durmo sossegado.
5. Que lugar gostoso!
6. Como dói a minha cabeça! (Texto 1)

Fonte: Smolka (2012)

O mais importante não é como esses textos se apresentam, mas o que eles revelam sobre o seu processo de elaboração, destaca Smolka (2012). O problema é que a escola rejeita a leitura e a escritura como processo discursivo. Por isso, a autora acredita ser necessário um outro modo de conceber a escola, na qual a sala de aula possa ser um lugar e momento de encontro e articulação de histórias e sentidos.

Quando se assegura um tempo para as crianças falarem, afirma a pesquisadora, diferentes questões emergem e se tornam matéria-prima no processo de alfabetização. É urgente que esses momentos deixem de ser marginalizados e passem a ocupar lugar de destaque. Nesse movimento de interação e interlocução, aponta a autora, revelam-se os modos delas de perceber, de sentir, de viver, de conviver, de conhecer e de pensar o mundo, ganhando força a necessidade e o gosto pela escrita. Assim, Smolka (2012, p.154) defende a abordagem político-pedagógica de alfabetização como processo discursivo, na qual a escrita institui e inaugura modos de interação.

5 Conclusão: Por uma Alfabetização Discursiva

Como a criança pode ser leitora e escritora dentro da escola? É um desafio, visto que o sistema educacional é criado e organizado para cumprir determinadas funções conforme os interesses dominantes, segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2003). No capitalismo, entre as finalidades para a educação escolar, está a instrumentalização dos trabalhadores para aumento da produtividade e consequente acúmulo de riquezas pela burguesia.

Contudo, Smolka (2012) defende uma outra dinâmica em sala de aula, de caráter revolucionário. Ela ressalta que acreditar que a alfabetização discursiva seja possível e viável não leva à sua realização, sendo preciso conhecer e conceber na prática cotidiana. É preciso buscar uma revolução para a alfabetização, visando construir um caminho contra-ideológico e contra-hegemônico. Já que os desafios que persistem e os retrocessos que assombram a educação pública no Brasil resultam, sobretudo, da lógica do sistema capitalista, destruí-lo é o melhor caminho.

Nesse sentido, somada a outras estratégias de luta, sugerimos uma revolução do cotidiano, pautada nos princípios que pensamos a partir de Smolka (2012): a linguagem como produto histórico-cultural; os movimentos de interação e interlocução; a produção de sentidos pelas linguagens oral e escrita nas práticas sociais; a constituição da autoria da vida. Para isso, dentre outras questões, faz-se necessário uma formação de professores(as), inicial e continuada, que contribua para a tomada de consciência, objetivando a promoção de relações em sala de aula que sejam potencializadoras da apropriação de conhecimentos capazes de mudar as pessoas para que transformem o mundo, como ensina Paulo Freire.

Referências

- FLEURY, Reinaldo. M. **Educar para quê?** Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GALVÃO, Maria C. B.; RICARTE, Ivan L. M. **Revisão sistemática da literatura:** conceituação e publicação. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, RJ, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019.
- GONTIJO, Cláudia M. M.; COSTA, Dania V. M. Apontamentos sobre o livro *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. In: **A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- GOULART, Cecília M. A.; GONTIJO, Cláudia M. M.; FERREIRA, Norma S. A. (Orgs). **A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- LAPLANE, Adriana L. F. de. A alfabetização em processo discursivo em perspectiva. In: **A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

LIBÂNEO, José C.; OLIVEIRA, João F.; TOSCHI, Mirza S. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário L. Política Nacional de Alfabetização” (Brasil, 2019): uma “guinada” (ideo)metodológica para trás e pela direita. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 10, 25 mar. 2020.

SMOLKA, Ana L. B. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VANZELLA, Lilia C. G. Projeto de Incentivo à Leitura: uma experiência de pesquisa e formação. In: **A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2017, p.133-164.